



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O MUSEU PORTUENSE: jornal de historia, artes, ciencias industriais e bellas lettras (Porto, 1838-1839)¹ – Periódico literário, ilustrado e apolítico, que tinha por objetivo a “divulgação de conhecimentos uteis”; era “publicado debaixo dos auspícios da Sociedade da Typographia Commercial Portuense” e imprimia-se nesta tipografia, no “Largo de S. João Novo, n.º 12”.

Segundo os estudos de Innocencio Francisco da Silva, *O Museu Portuense* contém “gravuras de madeira intercaladas no texto, á similhaça do *Panorama* (Lisboa, 1837-1868), que os editores tomaram, segundo creio, para typo ou modelo desta publicação”, tendo como “seu principal redactor, Diogo Kopke”². Sobre o conteúdo do jornal, o mesmo autor escreve que “entre muitos artigos mais ou menos interessantes, contém-se n’este jornal não poucos historicos, descriptivos e archeologicos relativos a Portugal. Com o n.º 10 foi distribuída uma folha de 4 pag. innumeradas, em que se responde a uma espécie de polemica, encetada por um ex-collaborador que escrevêra alguns artigos nos números precedentes. Esta folha tem o título: *O sr. Henrique Guilherme de Souza e o Museu Portuense*. E comenta que “não devêra ser mui agradável ao queixoso ver ahi desfiados os seus artigos³, que não passavam a final de meras reproducções de alguns extractos da versão (impressa!) do *Resumo da Historia de Portugal* (tradução de A. V. de Sousa, Lisboa, 1836) de A. (Alfonse) Rabbe”⁴ (1784-1829), escritor francês.

De acordo com Ernesto Rodrigues, este jornal insere-se na *imprensa literária*, e na subcategoria de *instrução e recreio*, caracterizada por “clara hierarquização dos assuntos, entre peças de fundo austeras ou ásperas e a versátil *literatura amena*”; com “anedotas, máximas, charadas, ilustração cuidada”, etc; este

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OMuseuPortuense/OMuseuPortuense.htm>

²Diogo Kopke (1808-1844) foi “Capitão de Artilheria e Lente de Mathematica na Academia Polytechnica do Porto”. Nasceu nesta cidade, e nela faleceu, “contando apenas 36 anos de idade. Dedicára-se como que exclusivamente ao estudo da historia e antiguidades nacionaes. V. Innocencio Francisco da Silva – “Diogo Kopke”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, Tomo 2, p. 160-161.

³Refere-se ao artigo continuado: “História de Portugal – Dom José 1.º, (e) II” (n.º 5, p. 67-68; n.º 8, p. 115-116), de Henrique Guilherme de Souza; também os seus outros textos: “As Solidões d’América” (n.º 3, p. 47-48), e “Giraldo Giraldes, ou o Cavalleiro sem pavor” (n.º 7, p. 108-109), são considerados *plagiatos* ou *cópias*.

⁴V. Innocencio Francisco da Silva – “1859) Museu Portuense”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, Tomo 6, p. 266.

autor menciona as “excelentes gravuras em madeira, (e) contos não assinados, na sua entrada *O Museu Portuense*.”⁵

A sua coleção é composta por 12 números com periodicidade bimensal, aos dias 1 e 15 do mês, entre 1 de agosto de 1838 e 1 de janeiro de 1839. Como os seus exemplares se destinavam a ser encadernados, apresenta uma capa (1839), ilustrada com uma *prensa tipográfica*⁶. Segue-se o “Índice Alfabético de Artigos e Estampas” com duas páginas, não numeradas; além do *apenso* “para ser distribuído com o n.º 10”, já referido.

Nas “Condições de Assignatura” nomeiam-se os locais de subscrição para

“este periódico no Porto, na Typographia Commercial Portuense⁷, e nas lojas dos Livreiros Gonçalves Guimarães, Queiroz, e Pereira nos Caldeireiros; Moré, rua de S. António, e Garcia no passeio da Cordoaria. – Em Lisboa, na loja da viuva de João Henriques; Coimbra, na de António Lourenço Coelho” (n.º 1, p. 16). E no número seguinte, acrescenta-se que em *Villa Nova*, os exemplares do jornal estarão disponíveis no “*Botequim*, na rua Direita” (n.º 2, p. 32).

Em “Preços do Jornal”, lê-se que a assinatura para 6 meses ou 12 números custa 660 *reís*, e que cada número avulso importa em 60 *reís* (n.º 1, p. 16). No seu número final anuncia-se a venda de “coleções completas do *Museu Portuense* por 720 Rs.” (reís), na sua tipografia (n.º 12, p. 192).

Ignoramos a razão para o fim do jornal. Em “Ao Publico”, informa-se que “com este 12.º N.º termina a publicação do MUSEU PORTUENSE. Circunstancias imperiosas assim o exigem”; e que “cumpre aos seus Redactores agradecerem a todas aquellas pessoas que por um ou outro modo tomárão interesse pelo feliz êxito da empresa. A seus Assignantes e Correspondentes é mais individualmente dirigido seu reconhecimento. Se os resultados da nova carreira que encetarão não foram tão prósperos como elles se poderão lisongear que serão, não lhes resta todavia o pesar de terem nella totalmente falhado. Em contrário tem por evidencia a rapida duplicação do numero dos Assignantes logo depois da publicação dos primeiros Numeros e os não solicitados elogios que recebêrão d’homens de saber e de critica” (n.º 12, p. 192).

⁵V. Ernesto Rodrigues – “Imprensa Literária do Século XIX. Instrução e recreio”. In *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998, pp. 113-115.

⁶A gravura representa uma das primeiras prensas tipográficas manuais, de *tipos móveis*, inventada em 1445 por Johannes Guttenberg (ca. 1399-1468), e inspirada na antiga *prensa de vinho*, da qual difere na imobilidade da placa que imprimia o papel. Em 1811, Friedrich Koenig (1774-1883), outro alemão, inventou o *prelo mecânico* rotativo e a vapor (patente de 1810), e no ano seguinte construiu outra *máquina impressora*, com base no funcionamento da *máquina a vapor* de James Watt (1775). Pensamos que a mais moderna em 1838, era a *prensa hidráulica*, utilizada pela tipografia do jornal, e nele referida (n.º 11, p. 176).

⁷A *Typografia Commercial Portuense*, em 1837, era administrada por Francisco Joaquim Maya (ca. 18--), seu editor comercial; não encontramos referências posteriores, mas é muito provável que tenha continuado essa função durante a existência de *O Museu Portuense*.

APRESENTAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

A sua primeira página, a seguir ao cabeçalho, abre com um texto editorial, não intitulado, onde se apresenta o jornal “depois de várias contrariedades, ainda apenas aplanadas”.

Sobre as linhas programáticas do jornal, lê-se que a “tenção litteraria da publicação deste periodico é a divulgação d’aqueles conhecimentos uteis, que admittindo serem tratados sem a especialidade de princípios scientificos, estão ao alcance de todas as intelligências”. E, “como os redactores não têm caprichos litterarios a sustentar”, declaram que agradecem todas as sugestões “tendente ao melhoramento da redacção, ou qualquer artigo communicado que diga respeito aos fins propostos na publicação do Jornal”, porque “conhecem bem a difficuldade de tentar escrever tanto para as classes que apenas contão os rudimentos da instrucção primaria”, como para as que faltam aquelas “generalidades, sem o conhecimento das quaes, o homem mais sabio em uma ou outra sciencia, quasi se pode chamar ignorante.”

No mesmo texto, descrevem-se “as contrariedades”, comuns aos “mais accreditados jornaes de instrucção”, pois eram obrigados, mesmo discordando, “a recorrer, principalmente ao estrangeiro para os typos sólidos de metal fundido donde se tirão as impressões das estampas, que ornão nossas paginas; porque infelizmente a arte de gravar em madeira é mui pouco cultivada entre nós, e o processo de passar debuxos em madeira a typos de metal é, na pratica, totalmente ignorada. Mas tendo-nos entendido com dous artistas desta cidade para nos aproveitarmos de seus trabalhos, cedo procuraremos apresentar amostras de execução nacional.”

Menciona-se ainda, que “um tal periodico exige avultadas despezas e não póde subsistir sem uma extensa circulação; e que pecuniariamente, “não se deva considerar esta publicação como uma especulação de méro interesse”, pois “os lucros se os houverem reverterão em beneficio do mesmo publico”. Depois, releva-se a importância social e instrutiva e “o impulso que a SOCIEDADE DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE tem dado ao aperfeiçoamento entre nós da arte typographica, e a facilidade que seus prélos tem oferecido á divulgação das luzes por meio da imprensa, (os quais) não admitem contestação.” E o texto termina com a frase esperançosa: “Assim possão nossos esforços serem coroados da approvação dos nossos concidadãos, em utilidade da Patria!” (n.º 1, p. [1]).

COLABORAÇÕES E ALGUNS CONTEÚDOS

Informa-se que, “por favor especial”, os *correspondentes* locais do *Museu Portuense* são: José Correia d’Oliveira Mendes em Guimarães; Manoel José da Rocha Guimarães em Vila-Real; Francisco António de Araújo Carvalho Reis na Régua; Manuel José Alves Vicente em Braga; António José Alves França em Viana; Manoel Boaventura de Brito em Valença; José Manuel Gomes em Barcelos; P. José Francisco de Carvalho em Faro; P. Vicente Manoel Rodrigues de Souza Pimentel em Bornes; D. João (Hortega) Ortega em Vigo (Cônsul Geral de Portugal); D. José Nuñez Castanho em Santiago; e SS.

Ackermann, & C.^a em Londres, 96 Strand (n.º 1, p. 16). Depois, António de Souza de Paradelinha é o correspondente em Vila-Real (n.º 2, p. 32).

Folheando o jornal, torna-se evidente que as “estampas”, ou *gravuras*, são ilustrações que complementam os conteúdos textuais; é de destacar, porém, o seu interesse por si só, como obras de arte tipográfica. Como exemplo, destacamos a ilustração impressionante, em página inteira, do texto “Das Imprensas Typographicas movidas a vapor” (n.º1, p. 8-11).

Os artigos do jornal, em geral, não se encontram assinados, mas D. Joze de Urcullu⁸ rubrica duas colaborações com “J. de U.”: a ode “Telho e Clara” (n.º 2, p. 31); e o poemeto “A um amigo consolando-o na morte da sua esposa. Epístola escrita pouco tempo depois do Cerco do Porto, e antes de terminar a Guerra Civil (n.º 4, p. 56-58). Deste colaborador, publica-se no jornal uma crítica literária elogiosa ao livro *Lições de Boa Moral, de Virtude e de Urbanidade* (Lisboa: Typ. Rollandiana, 1838), traduzida (e acrescentada) por Francisco Freire de Carvalho⁹, do original *Lecciones de Moral, Virtude y Urbanidade* de D. Joze de Urcullu. A finalizar, lê-se que “a obra está dedicada pelo Sr. Freire de Carvalho aos Páes e Mães de família: aos mesmos a recommendamos porque a sua leitura há de inspirar á mocidade, nobres e elevados sentimentos” (n.º 9, p. 144).

É por sugestão dos responsáveis do jornal, que Francisco Freire de Carvalho envia a sua tradução do poema “Romance do Cid Campeador”, que foi publicada (n.º 11, p. 174).

As paisagens nacionais e estrangeiras, com ou sem monumentos, é o tema maioritário das ilustrações dos textos descritivos, em consonância com a atmosfera do movimento literário e artístico do Romantismo português (1825-1870). A propósito, consideramos interessante do ponto de vista histórico-divulgador, a ilustração e o texto “Praça do Commercio de Lisboa” (1838), aqui retratada, e a descrição das alterações em redor, e no Terreiro do Paço (n.º 8, p. [113] -115).

⁸D. Joze de Urcullu (?-1852) foi capitão e escritor espanhol. “Serviu militarmente a sua pátria durante a guerra peninsular (1807-1814). Perseguido depois por opiniões políticas, refugiou-se em Portugal, onde casou” e faleceu (Lisboa). Também “Cavalleiro da Ordem de Christo, socio correspondente da Real Sociedade Geographica de Londres, das de Paris e Rio de Janeiro”. Escreveu, entre outras obras, *Lecciones de moral, virtude y urbanidad*, com “versão portuguesa feita por Francisco Freire de Carvalho”. V. Innocencio Francisco da Silva – “D. José de Urcullu”. In *Diccionario Bibliográfico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, Tomo 5, p. 149.

⁹Francisco Freire de Carvalho (1779-1854) foi “conego da Sé Patriarchal de Lisboa, Reitor do Lyceu Nacional da mesma cidade, Commissario dos Estudos, Socio da Academia Real das Sciencias, e do Instituto Historico Geographico do Brasil”. Antes, “religioso da ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, e Professor de Historia e Antiguidades no Collegio das Artes na Unversidade de Coimbra”. Depois, “regeu a cadeira de Rhetorica e poetica no R. Estabelecimento do Bairro Alto de Lisboa. N’esta qualidade emigrou para o Brasil em 1829, por motivo das suas opiniões politicas, e voltou depois de restabelecido o governo constitucional (1834), sendo então restituído ao seu emprego, e agraciado”. V. *Op. cit.*, 1859, Tomo 2, p. 378.

De cariz moralista, encontram-se, no jornal, alegorias, das quais destacamos a excelente ilustração do texto “Satanaz jogando o Xadrez” (n.º 3, p. 37-39); antes, aparece um texto instrutivo sobre “O Jogo do Xadrez” (n.º 2, p. 19-20).

“Receitas”, a rubrica mais assídua do jornal, marca presença na última página dos exemplares, e contém artigos úteis e variados sobre: conservação de alimentos, máquinas e produtos industriais, higiene pública, cosméticos, utensílios agrícolas e científicos, etc. Seguem-se as “Parábolas” cujos nove títulos encontram-se no índice do jornal. Também existem as rubricas lúdicas “Anedoctas” (n.º 2; n.º 6; n.º 12) e “Pensamentos” (n.º 6, n.º 10).

ESTRUTURA GRÁFICA

O Museu Portuense apresenta um frontispício no início de cada número, com o título principal em letra maiúscula de maior dimensão, seguido de uma ilustração, exceto o seu primeiro número em que esta ordem se inverte.

O periódico, de 25 cm de altura e impresso a duas colunas, mostraria uma mancha gráfica compacta, se não fossem as suas ilustrações em graduações de cinzento e preto. Com paginação contínua, cada número contém 16 páginas, totalizando 192 páginas impressas a preto. Separados por pequenas linhas centrais, os textos do jornal sucedem-se, encabeçados pelos seus títulos, na sua maioria em maiúsculas. De referir que o jornal não publicou anúncios comerciais, a não ser alguns de divulgação literária, como o espaço “Publicação Litterária”, que, provavelmente, não eram pagos.

ENQUADRAMENTO SOCIAL EM CONTEÚDOS

A burguesia portuguesa consolida-se com o regime liberal (1834-1851), e essa classe mercantil, com poder económico, é o público-alvo de *O Museu Portuense*. Aliás, o Porto é a primeira cidade portuguesa onde abrem bancos, e ali têm a sua sede, devido aos negócios mercantis lucrativos, que criaram o liberalismo económico. Este assunto originou a publicação em *O Museu Portuense*, do texto instrutivo, e continuado, “Sobre Bancos d’Economias” (n.º 6, p. 82; n.º 7, p. 99-101).

O historiador José Mattoso situa o liberalismo “na passagem do movimento das luzes ao movimento dos povos”; refere “temas esboçados a partir de ideias, que não sendo novas, dominam e transformam o debate cultural, científico e político” do século das luzes. “São elas as ideias de ciência, de progresso, de natureza, de felicidade, de virtude, de razão e de utilidade”; e que, “da sua discussão resultou obrigatoriamente um novo vocabulário político e compilações fundamentais – as *Enciclopédias*. Sinais evidentes da profunda evolução mental em curso.”¹⁰

A preocupação da instrução útil está bem patente em *O Museu Portuense*, na divulgação do *Manual Encyclopedico para uso das Escolas d’Instrução Primaria* (1838?): por Emilio Achilles Monteverde (1803-1881), livro que “era,

¹⁰V. José Mattoso – “Os Liberalismos: origens, evolução e definição”. In *História de Portugal*, vol. 5, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 213.

há muito desejado: porque afflictiva era a ignorância com que dessas Escolas se saía em relação a numerosas cousas com que o homem, em sua posição moral, social, e physica, diariamente se vê em contacto” (n.º 7, p. 112).

A terminar, não podemos deixar de referir os melhoramentos urbanísticos no Porto, porque refletem o progresso económico-social “depois do seu memoravel cerco de onze meses”, apresentando-se “aos olhos d’um viajante mui diversa do que era ha oito anos. Muitos novos edifícios aformosêão suas ruas”, entre outros que se descrevem, orgulhosamente, na crónica “Tivoli”, nome de um recente espaço de entretenimento e lazer (n.º 9, p. 142-143).

Por Helena Roldão

Hemeroteca Municipal de Lisboa, 30 de junho de 2016.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Inocêncio Francisco da – *Diccionario Bibliographico Portuguez: estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1958.

RODRIGUES, Ernesto – *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Lda., 1978.

BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.) – *Diccionario do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 5, 1993.